

## **Biologia é destino? A perspectiva genética e a questão gay<sup>1</sup>**

Juliana Depiné Alves Guimarães<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Com o desenvolvimento da biologia, a partir do século XIX, os cientistas passaram a buscar, com certa constância, uma fundamentação da homossexualidade na constituição orgânica dos indivíduos. No século XX, com a proliferação dos estudos de genética, esta concepção essencialista da sexualidade foi muitas vezes apropriada por vozes de defesa de minorias sexuais. O artigo buscar analisar um exemplo específico desta argumentação: um vídeo postado pelo biólogo Eli Vieira no YouTube, em réplica à entrevista dada pelo líder religioso Silas Malafaia, no qual o cientista defende a influência dos genes sobre a homossexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** minorias sexuais; cidadania; mídia; discurso.

### **Introdução**

Argumentos oriundos do campo científico constituem uma base frequente de defesa da legitimidade de identidades sexuais não heteronormativas<sup>3</sup> (HALLEY, 1994; BORRILLO, 2010; FACCHINI, 2013; BRANDÃO, 2002). De acordo com este prisma, a existência de tendências genéticas sobre a sexualidade garantiria seu caráter essencial e imutável, pré-determinismo que liberaria as práticas sexuais minoritárias do estigma de escolha realizada pelo sujeito ao longo da vida. A concepção de sexualidade como um comportamento livremente escolhido pelo sujeito, por sua vez, parece ser mais afim a alguns grupos religiosos, entre eles muitos que defendem a “conversão” dos indivíduos “desviados” de volta à norma.

Nos últimos anos, estes posicionamentos religiosos têm conquistado cada vez mais espaço na cena midiática, devido em grande parte ao fato de pastores acumularem cargos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Comunicação Social pela PUC-Rio, email: julianadepine@gmail.com

<sup>3</sup> Por heteronormatividade, compreendemos: “(...) aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como uma realização ideal ou moral” (BERLANT e WARNER, 1998, p. 548).

públicos ou terem influência no jogo político. Neste contexto, destaca-se o pastor Silas Malafaia, da igreja protestante pentecostal Assembleia de Deus, grupo Vitória em Cristo.<sup>4</sup>

Embora não seja representante político, Malafaia assumidamente possui uma plataforma política de influência da opinião pública: realiza campanhas de apoio a candidatos a vereadores e prefeito e é líder de programas de televisão, transmitidos no Brasil, nos Estados Unidos, Europa e África. Além disso, o pastor reconhece o potencial da Internet na interlocução com os fiéis: “Achim que os evangélicos são um bando de bobos, otários. [...] Depois do advento da internet não tem mais bobo. O segmento social que mais usa a internet e as redes sociais são os evangélicos”.<sup>5</sup> Recentemente, a revista americana *Forbes* revelou que Malafaia é o terceiro pastor mais rico do Brasil, com patrimônio estimado em 150 milhões de dólares (aproximadamente 330 milhões de reais).<sup>6</sup>

No dia 03 de fevereiro de 2013, Malafaia foi convidado da jornalista Marília Gabriela em seu programa de entrevista “De frente com Gabi”, transmitido pelo canal pago GNT.<sup>7</sup> Na ocasião, o pastor, que é também psicólogo, reiterou seus pontos de vista conservadores em relação aos homossexuais, fundamentados no que o pastor chama de “o maior manual de comportamento humano do mundo”<sup>8</sup>, a Bíblia. Chamou a atenção durante a entrevista, no entanto, a pretensão de cientificidade e racionalidade de sua retórica quando se referiu à homossexualidade, ao afirmar que ninguém “nasce gay” por não existir “ordem cromossômica homossexual”, somente de “macho” e de “fêmea”.

Voltaremos às falas do pastor adiante no trabalho. Por ora, destacamos a polêmica causada quando Eli Vieira, biólogo e doutorando em Genética, postou um vídeo no YouTube em resposta aos argumentos utilizados por Malafaia, no dia seguinte à entrevista. O vídeo, intitulado “Resposta de geneticista a Silas Malafaia”, teve grande repercussão na Internet, entre blogs e páginas de notícias. Chamou atenção, também, o número de compartilhamentos do vídeo em redes sociais por vozes em defesa aos direitos LGBT.

O presente artigo tem como objetivo investigar o discurso produzido e postado pelo biólogo no YouTube, em réplica às declarações de Silas Malafaia; nossa análise, por sua

---

<sup>4</sup> Outro exemplo é o pastor Marco Feliciano, também da Assembleia de Deus, do grupo Catedral do Avivamento. Deputado Federal, foi eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara em março de 2013, gerando protestos em todo o país, principalmente depois que vieram à tona declarações ofensivas a homossexuais e africanos publicadas pelo pastor em seu Twitter, em 2011.

<sup>5</sup> Informações da matéria “Pastor Silas Malafaia se consolida nas eleições como líder político nacional”, publicada no *Último Segundo*.

<sup>6</sup> Informações da matéria “The richest pastors in Brazil”, publicada no site da *Forbes*.

<sup>7</sup> O vídeo na íntegra pode ser acessado em <http://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. No dia 11 de junho de 2013, durante a produção deste artigo, o vídeo contava com mais de seis milhões de visualizações.

<sup>8</sup> Declaração dada na reportagem “Malafaia processará site que tenta cassar seu registro de psicólogo”, da *Folha Online*.

vez, tem como inspiração teorias provenientes da Análise do Discurso. Antes, nos propomos a contextualizar brevemente as ações coletivas de resistência por parte de minorias sexuais e a situar os discursos científicos e religiosos sobre a sexualidade no panorama histórico mais amplo. Além disso, buscamos conceituar as noções de campo social, de acordo com Bourdieu (1983) e Rodrigues (1999).

De acordo com Facchini (2005), é na década de 70 que surge o “movimento homossexual brasileiro”<sup>9</sup>, com a criação do grupo *Somos*, em 1978, que teria sido a primeira proposta de politização da homossexualidade. É à medida que se inicia a década de 90, no entanto, que os grupos de defesa de minorias sexuais começam a se aproximar do modelo de Organização não Governamental (ONG) esboçado por Rubem Cesar Fernandes (1985), apresentando elementos como a profissionalização de militantes.

Outra característica relevante que se inicia nos anos 90 e é intensificada no início do novo milênio é a estratégia de visibilidade massiva buscada pelos ativistas. As mídias passam a ser vistas como potenciais aliadas do movimento, embora esta também seja uma relação, muitas vezes, permeada de conflitos. Outro interlocutor cuja relação com o ativismo se amplia é o mercado segmentado, que passa a dedicar mais atenção ao potencial consumidor do público LGBT, fornecendo serviços e produtos destinados a homossexuais, como agências de turismo e namoro, discotecas, festivais de cinema, além de sites, publicações e seções sobre temáticas LGBT em grandes veículos de comunicação.

### **Identidade religiosa e homossexualidade**

De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas<sup>10</sup>, embora a porcentagem de brasileiros/as que se declaram “sem religião” seja a que mais tenha crescido em seis anos, representando um aumento de 1.59%, 89% da população acredita que religião seja importante.

Como lembra Setton (2008), a religião é matriz de cultura, campo fundamental na construção das identidades dos sujeitos, que com seus símbolos e linguagens próprias constituem também agências de socialização. Como os/as brasileiros/as sofrem grande influência da religião na forma com que interpretam e significam o mundo à sua volta,

---

<sup>9</sup> A nomeação do sujeito político do movimento sempre foi alvo de controvérsia, como ilustra Facchini (2005). Segundo a autora, alguns exemplos de siglas que já foram usadas para “demarcar” o movimento são MGL (movimento de gays e lésbicas) e GLT (gays, lésbicas e travestis).

<sup>10</sup> Pesquisa “Novo mapa das religiões”, agosto de 2011.

consideramos necessário traçar um breve panorama das origens da categorização da homossexualidade enquanto pecado. Esta contextualização nos ajudará também a compreender os discursos que iremos analisar adiante.

Borrillo (2010) esclarece que a discriminação e o preconceito a homossexuais, assim como o que ele chama de heterossexismo, não foram uma constante na história da humanidade. Na Grécia antiga, por exemplo, a relação entre pessoas do mesmo sexo era considerada socialmente legítima, sendo inclusive incentivada entre adultos e adolescentes (denominada pederastia), em que a prática sexual era inserida em um contexto de aprendizado de literatura, artes, política, história e conhecimentos militares. A ideia do desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo ou entre pessoas do sexo oposto enquanto constituinte de uma identidade social (ser “homossexual”, “bissexual” ou “heterossexual”, termos cunhados pela modernidade) era totalmente estranha aos gregos, que delimitavam espaços sociais específicos para a prática heterossexual e para a homossexual. Obviamente, havia uma normatização em relação à homossexualidade, prática que não deveria ser exclusiva na vida do homem grego – ele deveria casar-se com pessoa do sexo oposto e constituir prole; da mesma forma, a relação sexual entre escravos e adolescentes não-escravos era proibida. Também na Roma Clássica, prossegue Borrillo (2010), as práticas homossexuais e bissexuais eram aceitas, desde que respeitassem determinadas regras. A atitude geral em relação à homossexualidade no Ocidente vai e transformar, sobretudo, com a ascensão do Cristianismo no Império Romano. A heterossexualidade monogâmica passa a ser vista como única prática legítima, e no ano 390 o imperador Teodósio condenou à fogueira os homossexuais passivos.

Em relação à doutrina cristã, que não tinha as mesmas preocupações, Borrillo (2010) destaca que Cristo nunca mencionou as relações homossexuais como pecaminosas; seu apóstolo Paulo, no entanto, foi enfático em incluir as relações entre o mesmo sexo como “paixões vergonhosas”. Muito do Novo Testamento foi apropriado por tratados, concílios e pela Escolástica, que passou a considerar como único prazer sexual legítimo somente aquele que “não é acompanhado de um ato suscetível de entrar a reprodução” (BORRILLO, 2010, p.53)

A peste negra do século XIV vai provocar o recrudescimento da punição aos homossexuais, uma vez que um terço da população europeia foi dizimada e o sexo não reprodutivo representará uma ameaça direta ao repovoamento. Com isso, os códigos penais tornaram-se cada vez mais severos e centenas de homossexuais foram mandados à fogueira.

A criminalização à homossexualidade deixa de existir somente na Revolução Francesa, em que o Código Penal de 1791, de inspiração iluminista, deixa de condenar os crimes contrários à natureza. A liberdade individual passa a ser um ponto fundamental, com rejeição a ideia da interferência do Estado em questões de âmbito privado. A modernidade, que estabelece o estado laico, também vai ser palco da constituição de novos saberes e poderes sobre a sexualidade – é o que nos diz Foucault (1988), cujas ideias discutimos a seguir.

De acordo com Foucault (1988), é a partir do final do século XVI e início do século XVIII que a sexualidade torna-se objeto privilegiado de um saber científico. Foucault é contrário às teorias repressivas que afirmam que o sexo foi silenciado, proibido e reprimido por prejudicar as forças de trabalho durante a ascensão da Revolução Industrial; muito pelo contrário, afirma, nunca houve tanta produção e reprodução discursiva a respeito do sexo como na Modernidade, por meio de instâncias como a Psicanálise, a Biologia, a Anatomia e outros saberes.

O autor destaca que os novos domínios da sexualidade (e seus saberes correlatos) são indissociáveis das exigências do poder, ideológicas ou econômicas. É ingênuo, portanto, imaginar que os novos conhecimentos científicos podem ser “neutros”, liberados do poder, uma vez que são as relações de poder que tornam a sexualidade um objeto passível de estudo. Em contrapartida, a penetração deste poder é facilitada pela existências de “técnicas de saber e procedimentos discursivos” (FOUCAULT, 1988, p. 24)

Especificamente em relação ao que Foucault chama de “sexualidades periféricas”, e aqui destacamos as práticas homossexuais, o autor ressalta a implantação, por parte dos conhecimentos científicos, das categorias de “perversões”. Não que até o século XVIII o sexo não heterossexual fosse legítimo ou aceito socialmente; no entanto, havia aquilo que Foucault chama de um “ilegalismo global”, ou seja, a então denominada sodomia entrava em uma espécie de bloco disforme e homogêneo de crimes contra a lei, junto com a bestialidade e a infidelidade. O que estava em foco, então, era a relação matrimonial.

A partir do século XVIII, por sua vez, em vez de uma “degradação genérica” surgem novas categorias, novos recortes, oriundos de práticas classificatórias. São as chamadas perversões: exibicionistas, fetichistas, invertidos, zoófilos. O homossexual passa a ser visto como um sujeito dotado de uma “natureza singular”; passa a ser investigado em sua vida, história, caráter, anatomia; “o sodomita antes era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 44).

A ideia de uma essência homossexual imutável e determinada no nascimento, muitas vezes defendida por movimentos de apoio aos direitos dos homossexuais, insere-se em grande medida no âmbito deste poder que não busca excluir a sexualidade dos indivíduos, mas sim fixá-la e consolidá-las nos corpos, por meio de um procedimento de rotulação. A cada rótulo, a cada domínio, a cada recorte criado pelo conhecimento, multiplicam-se as possibilidades de intervenção do poder, poder este que, quando implantado, multiplica por sua vez as sexualidades, em um ciclo produtivo.

### **Os campos científico e midiático**

Polêmicas como a envolvendo a resposta do especialista em genética às declarações do pastor Malafaia devem grande parte de sua força ao fato de os saberes científicos poderem se constituir como um campo; na definição de Bourdieu (1983), um “lugar, espaço de jogo de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1983, p. 12), onde o que entra no jogo é o monopólio da autoridade científica.

Já a visão de campo de Rodrigues (1999) é esclarecedora na medida que situa o conceito nas transformações provocadas pela modernidade<sup>11</sup>. Afirma o autor que na experiência tradicional, pré-moderna, havia uma “continuidade entre a experiência de si, dos outros e do mundo natural, assim como havia homologia entre as dimensões ontológica, ética e estética da experiência” (RODRIGUES, 1999, p. 5). A percepção do mundo era naturalizada, portanto; as coisas eram tomadas como dadas, herdadas, transmitidas pela tradição – nem o que cercava o sujeito nem sua própria identidade eram objeto de questionamento sistemático ou de uma elaboração fundamentada na razão. Por ser naturalizada, e não apreendida por meios formais, a experiência tradicional não podia ser desconstruída. Como exemplo de um saber tradicional, Rodrigues aponta o idioma materno: se tentamos subverter suas regras, “desnaturalizando-o”, ele perde o sentido. Sem ele, nos alijamos da experiência do mundo.

---

<sup>11</sup> Estamos cientes de que o conceito de “modernidade” comporta diversas definições. Estamos compreendendo pelo termo as transformações sociais provocadas principalmente com advento da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII e expandida no mundo no século seguinte. Ortiz (1999) destaca que, com ela, ocorre um “movimento integrador que curto circuita as diversidades étnicas, civilizatórias e nacionais. [...] As relações sociais já não se limitam mais aos indivíduos que vivem no contexto desta ou daquela cultura, elas se apresentam cada vez mais como 'desterritorializadas', isto é, como realidades mundializadas” (ORTIZ, 1999, p. 79). Em oposição às chamadas “sociedade tradicionais”, ou pré-modernas, Hall (2006) afirma que as sociedades modernas são, por definição, “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14).

Como praticamente inexistia reflexividade sobre a ação humana, não havia também uma questão comunicacional. A linguagem era somente uma ferramenta de comunicação, não uma temática a ser discutida. Parte desta lógica teria se alterado com a invenção da escrita, que pressupõe uma autonomização dos dispositivos artificiais de mediação. Ao contrário do saber transmitido pela oralidade, pela escrita, a experiência pode ser transmitida sem estar necessariamente atrelada à presença dos dispositivos naturais de enunciação. As dimensões pragmática e expressivo-simbólica de um campo do saber não eram apartadas: o curandeiro, por exemplo, detinha um conhecimento médico que era sempre utilizado para determinados fins; o “fazer” e o “saber” estavam atrelados.

Na modernidade, várias destas condições alteram-se. A dimensão expressivo-simbólica do discurso, seja ele médico, religioso ou jurídico, passa a existir independente da sua aplicação prática, de sua esfera pragmática. Ao contrário da era tradicional, em que os sábios dominavam um conjunto de saberes da experiência, agora o conhecimento se especializa, fundamentado por uma razão questionadora, fazendo emergir peritos em cada instância do saber.

As instâncias simbólica, discursiva e pragmática do campo social se desvinculam. É a chamada separação entre a esfera da ação e a esfera da palavra. Na Modernidade, ainda, o campo social adquire legitimidade por meio da aquisição de uma disciplina, uma técnica, não mais de uma sabedoria de viés tradicional. Esta disciplina é “discursivamente formulada”, um conjunto de saberes, atitudes, decisões e hábitos que vão sendo apreendidos pelo sujeito durante sua formação, habilitando-o a interferir em domínios específicos da experiência, não mais no todo como era pretendido pelos sábios.

Neste contexto, portanto, estamos diante de múltiplos campos sociais, que se inter-relacionam e podem acomodar, nestes contatos, situações de tensão e conflito, uma vez que cada um deles tem “pretensão de regular um determinado domínio da experiência, a partir da delimitação de um determinado quadro do sentido” (RODRIGUES, 1999, p. 18).

Dizer isso significa, também, questionar a ideia de neutralidade absoluta das construções científicas de significados – Bourdieu nos lembra que o modo como funciona o campo científico já produz, em si, uma forma específica de interesses. O sociólogo francês faz questão de se afastar de dois extremos conceituais em relação à prática científica: um que a enxerga como pura representação social e outra que desconsidera os aspectos sociais, levando em consideração somente a racionalidade técnica. Em uma tentativa de conciliar tanto os aspectos técnicos como sociais, Bourdieu vai afirmar que o campo científico é uma

“ficção social que nada tem de socialmente fictício”, que “modifica a percepção social da capacidade puramente técnica (1983, p. 124). Ou seja, além dos conhecimentos do mundo que se pretendem técnicos e objetivos, o cientista também acumula e exhibe publicamente uma série de rubricas sociais, manifestas pelos títulos escolares adquiridos, pelas instituições que representa. Como consequência, “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias” (BOURDIEU, 1983, p. 124).

Desta forma, não se pode ignorar o caráter político inerente ao campo científico; isto não equivale a dizer, no entanto, que as intenções do cientista são puramente políticas, desconsiderando suas motivações intelectuais. Bourdieu destaca que estes dois níveis, o social e o científico, são sobredeterminados; não é possível fazer traçar uma linha bem demarcada entre interesses intrínseco e extrínseco:

“O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros. [...] Assim, a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernentes a essas questões traz um lucro simbólico mais importante.” (BOURDIEU, 1983, p. 125)

Consideramos que isto é também verdade se pensarmos especificamente na divulgação de saberes científicos não só dentro dos limites do campo, mas também na interseção com outros espaços, como o midiático. Na opinião de Rodrigues (1999), os meios de comunicação também configuram um campo social específico, o campo das mídias, que autonomizam, de forma relativa, os dispositivos artificiais de percepção do mundo em relação aos naturais. Sua particularidade reside justamente em ser uma instituição detentora de legitimidade para mediar as relações entre os outros campos, sejam eles religiosos, científicos ou jurídicos. As mídias, mais que sobreporem e combinarem saberes diversos, são também palcos de luta entre estes saberes, que muitas vezes entram em competição.

### **Análise do discurso**

Nosso objeto de análise é um exemplo desta mediação midiática entre saberes diversos: o vídeo produzido pelo biólogo Eli Vieira, exibido no dia 04 de fevereiro de 2013,

em resposta a comentários do líder religioso Silas Malafaia em entrevista no programa “De frente com Gabi”, no dia anterior. Escolhemos este vídeo porque ele recentemente lançou luzes sobre o debate da sexualidade enquanto determinada/influenciada biologicamente ou “escolhida” pelos sujeitos – o material, que teve 1.5 milhão de visualizações, foi discutido e comentado em mais de cem mil sites brasileiros<sup>12</sup>, gerando 65 mil comentários somente no site do YouTube em que foi originalmente publicado. No entanto, o mais determinante em termos de escolha foi o fato de o vídeo ter sido maciçamente propagado em redes sociais por vozes amigáveis aos direitos LGBT, conforme corrobora a socióloga Regina Facchini (2013).<sup>13</sup> Escolhemos fragmentos que operam como uma espécie de resumo geral dos pontos defendidos por Eli Vieira ao longo do vídeo. Abaixo, discutimos os pontos principais.

[Eli Vieira] Oi, Silas Malafaia, tudo bem? Meu nome é Eli Vieira, eu sou **biólogo, mestre** em genética e faço **doutorado** em genética aqui em **Cambridge**, Reino Unido. Eu soube que o senhor tá interessado na **minha** área, e que o senhor quer falar de genética. Então vamos falar de genética? Será um prazer.

Interessante notar como o biólogo já elenca, de antemão, as marcas discursivas que estabelecem uma posição de autoridade em relação ao assunto: ser formado em biologia, mestre em genética, doutorando em uma universidade prestigiada. O biólogo também toma para si o domínio da área de conhecimento em que atua (“**minha** área”), operação discursiva que, como consequência, deslegitima o discurso do pastor, que não pertenceria ao mesmo campo.

A partir deste momento, o cientista inicia uma edição gradual das falas de Malafaia, buscando contra-argumentar à cada declaração.

[Edição destaca fala de Malafaia durante entrevista]:  
“Ninguém nasce gay, homossexualismo é um comportamento”

[Eli Vieira] É difícil saber o que você quer dizer com não é de **nascença**, é **comportamento**, porque nós não nascemos com muita coisa em termos de comportamento [...] então eu acho que o que

<sup>12</sup> De acordo com pesquisa realizada no *Google Brasil*. Utilizamos as palavras-chave “geneticista” e “Malafaia” no campo de busca, uma vez que estes termos fazem parte do próprio título do vídeo e por isso tendem a ser citados nos discursos a ele referentes.

<sup>13</sup> A autora postou em seu perfil no Facebook, sobre a repercussão do vídeo de Vieira: “[...] há um ponto que me preocupa muito: a repercussão nas redes sociais foi bastante grande, especialmente entre pessoas preocupadas com a defesa dos direitos de LGBT, mas infelizmente parecem não se ater a essa diferenciação.”. Com “diferenciação”, Facchini faz referência ao fato de Vieira ter deixado claro que não acredita em inatismo, mas sim em influência genética.

você quer dizer é: se há uma contribuição de coisas **herdadas biologicamente** pra esse comportamento que é a **orientação sexual**, e nesse sentido posso garantir com base numa **literatura farta** que sim, existe uma contribuição dos genes na **manifestação** da orientação sexual. Isso **não é passível de ser negado** mais, já se acumulam muitos **estudos**.

A réplica segue com a primeira evidência de uma tentativa de desconstrução, neste caso da própria lógica interna discursiva de Malafaia. O biólogo destaca que “nascença” e “comportamento” não são opostos conceituais; de acordo com seu discurso, tudo seria “nascença” no começo da vida. No entanto, existiria alta influência genética para a “manifestação” da orientação sexual. Atentamos para a escolha do próprio termo “manifestação”, que remete a “dar a conhecer”, “revelar”, “transparecer”, não a um processo de construção/produção/criação da sexualidade. Em uma análise ampliada, poderíamos afirmar que a palavra serve como um operador discursivo de objetividade, expondo como manifesta e acabada a própria prática de “orientação sexual”.<sup>14</sup>

Já a afirmação de uma “farta literatura” a respeito do tema, além dos próprios títulos acadêmicos do biólogo, coloca em circulação aquilo que Bourdieu (1983) chamou de um tipo particular de capital, o capital da autoridade científica. O teórico destaca que é objetivo principal da concorrência de forças dentro do campo científico o monopólio da competência científica – “capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado” (BOURDIEU, 1983, p. 123). Destaca-se, neste sentido, a certeza do enunciado a respeito da influência genética sobre a sexualidade (“Isso **não é passível de ser negado** mais, já se acumulam muitos **estudos**”). Ao negar a viabilidade de contestação de uma teoria, o discurso participa de um processo de monopolização (para usar as palavras de Bourdieu) do saber de um domínio específico da ciência – neste caso específico, a biologia, e mais especificamente, a genética.

[Eli Vieira] “Neurocientistas investigaram o cérebro de pessoas heterossexuais e homossexuais e já mostraram que especificamente em regiões do cérebro relacionadas a prazer sexual e conexão emocional, que é o sistema límbico, **homens homossexuais** mostram similaridades cerebrais a **mulheres heterossexuais** e mulheres homossexuais mostram **similaridades cerebrais** a homens heterossexuais.

<sup>14</sup>Vieira cita “manifestação” com este sentido em outros dois momentos do vídeo: “Essa é uma forma completamente inadequada de ver como os genes contribuem como recursos na **manifestação** de algum comportamento” e “Outro estudo, mais recente, indica que as marcas ao redor do DNA, que a gente chama de epigenéticas, também podem contribuir na **manifestação** da orientação sexual”.

[...]

[edição mostra trecho de Malafaia durante entrevista]: “Ninguém nasce gay, não existe ordem cromossômica homossexual, não existe gen (*sic*) homossexual, existe ordem cromossômica de macho e de fêmea”

[Eli Vieira] Que ordem sexual? Em mamíferos, o que acontece é q o sexo heterogamético, ou seja, o que tem dois cromossomos diferentes, ou seja, dois cromossomos sexuais diferentes, é o masculino. Então macho XY, fêmea XX. Mas em borboletas, em aves, é o contrário, a fêmea É ZW e o macho é ZZ. Em alguns répteis, por exemplo, sexo é determinado pela temperatura em que o ovo está, então a **natureza não é rígida** desse jeito em determinar o que é **fêmea**, o que é **macho**, e muito menos nos seres humanos, em que além dessas contribuições de fatores biológicos também tem a contribuição da **cultura**, do **ambiente** e etc.

Não deixa de ser curioso o fato de que embora o discurso de Vieira em relação ao sexo biológico não seja determinista (“a natureza não é rígida”), possuindo um viés mais heterogêneo (englobando as influências ambientais e culturais), o mesmo não acontece, pelo menos não na mesma proporção, com a construção do desejo sexual, que apresenta uma maior homogeneidade e unidade. Isto porque insere em um mesmo bloco semântico (as “similaridades cerebrais”) a atração sexual de lésbicas por mulheres e a de homens heterossexuais por mulheres.

[Eli Vieira] Então, cito este que é um dos estudos mais recentes sobre orientação sexual e eles dizem o seguinte, que **as diferenças sexuais no cérebro** e no **comportamento** são o **ponto final da determinação** do sexo.

[Edição mostra fala de Malafaia durante entrevista] “A homossexualidade, um homem ou uma mulher, por determinação genética, e homossexual por preferência aprendida ou imposta”

[Eli Vieira] Essa é uma forma completamente inadequada de ver como os genes contribuem como recursos na manifestação de algum comportamento. Isso é **determinismo** genético. Parece que pra você, Malafaia, a genética só existe em sua versão determinista do começo do século XX, e sinto em te desmentir nessa mas a gente **evoluiu**, a gente progrediu, e hoje a gente sabe que comportamento é um **fenótipo influenciado** por uma infinidade de genes.

Mais uma vez, o enunciado de Vieira traça uma linha divisória entre sua perspectiva a respeito da ciência e o que posteriormente chama de “inatismo” – o biólogo defende uma

influência dos genes sobre o comportamento em vez de um determinismo infalível. Cabe destacar, todavia, uma contradição interna em seu argumento, quando ele situa tanto o cérebro quanto o comportamento como pontos finais de uma determinação do sexo (“**as diferenças sexuais no cérebro e no comportamento são o ponto final da determinação do sexo**”). Com esta afirmação, seu ponto de vista não somente equipara um órgão físico ao comportamento como concebe o próprio comportamento como se possuísse um fim estabelecido em seu trajeto – podemos nos perguntar se não seria esta uma visão determinista, negando a possibilidade de mudanças e transformações na sexualidade ao longo da vida.

Vieira recorre ao princípio de natureza em outro momento do vídeo, conforme o trecho abaixo demonstra:

[Edição destaca pergunta de Marília Gabriela] “Por que animais – e nós somos mais um na natureza – por que animais praticam sexo com o mesmo [...] muitos animais do mesmo sexo e não são perturbados na outra sexualidade?”

[Malafaia interrompe] “Não é... Os animais não são considerados uma prática homossexual”

[Eli Vieira] “São conhecidas 1.500 **espécies** de animais que **manifestam** comportamento homossexual e a **razão** é mais ou menos a **mesma** razão pra **humanos**. Existe variação na **natureza** e em alguns indivíduos essa variação se manifesta dessa forma e o ser humano é um **animal** como outro **qualquer** e isso acontece com a gente também”

Mais uma vez, é interessante observar a contradição do discurso de Vieira, que embora tenha ressaltado em vários momentos a complexidade da sexualidade humana, volta a reduzi-la ao conceito de natureza, na qual o ser humano é brevemente definido como um “animal como outro qualquer”. Além disso, é realizada uma operação de equivalência entre as variações das práticas sexuais dos animais com as do homem, que apresentariam um mesmo motivo (“a razão é mais ou menos a mesma pra humanos”).

Outro aspecto que é digno de nota é a própria utilização, por Silas Malafaia, de uma retórica científica, que visa a legitimar a posição de que a sexualidade é “adquirida” ou “imposta”, não inata. Esta concepção é defendida por muitos líderes religiosos no país<sup>15</sup>, especialmente os pertencentes a grupos que atuam na proposta de “conversão” de

---

<sup>15</sup> Conforme também definimos em nossa dissertação.

homossexuais em direção à norma heterossexual (que Malafaia, em entrevista à TV Folha, denomina “libertação” de homossexuais). A lógica é evidente: se o pastor aceita a ideia de uma sexualidade definida ou fortemente influenciada por fatores incontrolláveis, como a carga genética, a própria proposta de conversão se inviabiliza. Desta forma, é estratégica e política a escolha de uma argumentação científica (e não religiosa) por parte do pastor; não há nenhuma contradição nisso, como Foucault já ressaltou, quando defendeu serem os discursos “elementos ou blocos táticos no campo das correlações de poder” (FOUCAULT, 1988, p.97). Da mesma forma, destaca o autor, discursos iguais ou semelhantes podem tranquilamente circular entre estratégias opostas. É o que ocorre no embate entre o pastor e o biólogo: ambos se valem dos mesmos ritos de produção de discurso – recorrem a pesquisas, estatísticas, teorias de pesquisadores de renome, títulos, nomenclaturas. O fragmento que se segue confirma estas similaridades:

[Malafaia em cena da entrevista] “Por que a evolução é **teoria**? Porque você não pode comprová-la na **observação**”

[Eli Vieira] Olha, eu não quero mudar de assunto, mas se você vai negar uma teoria que é aceita pela esmagadora maioria dos profissionais da área, que trabalham com biologia, eu acho que eu vou poder duvidar da sua capacidade de olhar pra questão da contribuição da genética pra orientação sexual e eu acho que vou **duvidar** da sua **imparcialidade**, Malafaia. E eu vou duvidar também da sua **formação**, inclusive do seu **respeito** pela **informação** científica e **fontes científicas**. [...] Eu vou encerrar o vídeo aqui, eu não tenho nenhuma lição de **moral** porque ao contrário de você, pastor Silas Malafaia, eu **não misturo** os meus **fatos** como biólogo geneticista com a minha moral ou ética.

O discurso de Vieira insere-se em uma visão tradicional da Ciência, que conforme destaca Cupani (1989), preza pela objetividade e uma suposta imparcialidade diante dos temas. A prática científica, nesta perspectiva, deveria ter como meta somente a busca da verdade e “será tanto maior a objetividade quanto menor a subjetividade envolvida no processo de conhecimento, ou seja, quanto mais se reduza o pesquisador a uma entidade impessoal” (CUPANI, 1989 p. 18). Vieira claramente reproduz em seu discurso esta mentalidade científica tradicional, ao fazer uma relação de oposição entre a “naturalidade” da variedade sexual humana e o “julgamento moral” (“A maior parte dessa variação é **natural** e não tem necessidade de ter sempre um **julgamento moral** em cima”). Vale lembrar, no entanto, que a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade científicas já

foram questionadas por muitos teóricos<sup>16</sup>; Kuhn (1974), por exemplo, afirmou que, pelo fato de absolutamente tudo no âmbito da ciência depender de paradigmas, é questionável a ideia do saber científico como imagem pura da realidade. Em outras palavras: a objetividade deve ser relativizada uma vez que o cientista depende de “métodos considerados confiáveis” e “entidades tidas como reais” (CUPANI, 1989, p. 4) para elaborar suas teorias. O enunciado de Eli Vieira incorpora a imparcialidade como um valor, posicionando-se contra o discurso supostamente sem fundamento, acintoso para o *ethos*<sup>17</sup> científico, de Malafaia.

## Conclusão

Em 1952, a homossexualidade foi incluída no rol de desordens do primeiro *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, pela Associação Americana de Psiquiatria. Em 1990, foi retirada, a partir de determinação da Organização Mundial de Saúde (OMS). A partir deste momento, muitos discursos de defesa da legitimidade de práticas não heterossexuais passaram a evocar seu aspecto “normal” e não patológico. Esta estratégia não é incompreensível, visto que uma das demandas principais de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros é a igualdade de direitos.

No entanto, é importante ressaltar os riscos deste tipo de estratégia. A incessante busca – biológica ou não – de uma “causa” para a homossexualidade esconde uma discriminação. Conforme Borrillo (2010) destaca, não existe um paralelo de curiosidade e interesse em relação à heterossexualidade; não circulam na mídia estudos sobre como pessoas se tornaram ou nasceram heterossexuais. A prática majoritária é tomada como pré-dada, naturalizada.

Além disso, não podemos esquecer que, se a medicina moderna não concebe a homossexualidade / bissexualidade / transsexualidade como distúrbios ou doenças, este não foi o padrão durante a maior parte da sua existência. Não há garantias ou certezas de que não volte a considerá-las práticas patológicas. Além disso, a validação ilimitada de determinadas áreas do saber como estruturantes da realidade (a genética influenciando a homossexualidade, por exemplo) representa um risco real de que, no limite, este mesmo

---

<sup>16</sup> Cf. Husserl (1976), Popper (1975) e Feyerabend (1977). Nossa revisão se apoia nos autores destacados por Cupani (1989) como os principais a questionarem algumas premissas científicas.

<sup>17</sup> Utilizamos a palavra no sentido originário da filosofia grega, destacada por Boff (2005): “a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza” (BOFF, 2005, p. 29).

saber possa vir a ser usado para uma suposta “cura” ou “conversão”. Podemos imaginar, por exemplo, o quão útil pode ser para muitos grupos conservadores – religiosos, inclusive – a possibilidade de isolamento dos supostos fatores produtores de homossexualidade; ora, se há causa, por que não atuar diretamente nela?

É neste sentido que nos parece salutar a existência de um senso crítico em relação aos argumentos que ainda evocam a normatividade científica para defender a homossexualidade. Afinal, de acordo com este prisma, a homossexualidade seria legítima não porque todos têm liberdade (opção) de vivenciarem seus afetos e desejos, mas sim porque, por não haver outra escolha possível, a pessoa não seria responsável pelo que sente, pela sua condição.

### Referências

- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia de Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. “Sex in public”. In: *Critical Inquiry*. Chicago, vol. 2, n. 2, 1998.
- BOFF, Leonardo. 2005. “O cuidado essencial: princípio de um novo ethos”. In: *Revista Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar. 2005.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANDÃO, Ana Maria. “Ligações perigosas : ciência e ativismo político”. In: Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2002
- CUPANI, Alberto. “A objetividade científica como problema filosófico”. In: Caderno Brasileiro de Ensino de Física. Florianópolis, n. 6, p. 18-29, jun./1989. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10067/14908>. Acesso em: 13 jun. 2013.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- FERNANDES, Rubem César. “Sem fins lucrativos”. In: *Comunicações do Iser*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 15, p. 13-31, jul. 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIMARÃES, Juliana D.A. *Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da Parada Gay*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLEY, Janet E. “Sexual orientation and the politics of biology: a critique of the argument from immutability”. In: *Stanford Law Review*, Vol. 46, No. 3, p. 503-568, fev./1994.

HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Paris, Gallimard, 1976.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

ORTIZ, Renato. “Diversidade cultural e cosmopolitismo”. In: *Lua Nova*, n. 47, São Paulo, 1999.

POPPER, K.R. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, EDUSP, 1975.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “Experiência, modernidade e campo dos media”. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1999. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf). Acesso em: 14 fev. 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “As religiões como agentes da socialização”. In: *CADERNOS CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dez. 2008.

## Notícias

ANTUNES, Anderson. The richest pastors in Brazil. *Forbes*, 17 jan. 2013. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/>. Acesso em: 05 jun. 2013.

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Malafaia processará site que tenta cassar seu registro de psicólogo. *Folha Online*, 21 fev. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1234146-malafaia-processara-site-que-tenta-cassar-seu-registro-de-psicologo.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2013.

GOMIDES, Raphael. Pastor Silas Malafaia se consolida nas eleições como líder político nacional. *Último Segundo*, 11 out. 2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-10-11/pastor-silas-malafaia-se-consolida-nas-eleicoes-como-lider-politico-nacional.html>. Acesso em: 03 jun. 2013.

## Sites

Bule Voador (página no *Facebook*). A socióloga Regina Facchini escreve sobre o vídeo de Eli Vieira, no que diz respeito a determinismo biológico. *Facebook*, 6 fev. 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/bulevoador.com.br/posts/294234674035635>. Acesso em 03 jun. 2013.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. Pesquisa “Novo mapa das religiões”. <http://cps.fgv.br/ren>.

Silas Malafaia De Frente Com Gabi. Vídeo. *YouTube*, 04 fev. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. Acesso em: 02 jun. 2013.

Resposta de geneticista a Silas Malafaia. Vídeo. *YouTube*, 04 fev. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wx3fdnOEos>